

Educação e suas interfaces com a filosofia contemporânea a partir de Adorno



10.56238/sevedi76016-023

José Alessandro Cândido da Silva

Manoel de Souza Araújo

Adevânia da Silva Gomes

RESUMO

O presente artigo discorre sobre as interfaces entre educação e Filosofia contemporânea, tendo como referência fundamentos da Teoria Crítica, apresentando uma abordagem sobre educação a partir de Theodor Adorno e seu papel no processo de esclarecimento e emancipação do sujeito. Embora Adorno não tenha escrito um tratado sobre a educação, trouxe grandes contribuições em suas obras para essa temática. Nas discussões filosóficas apresentadas pelo Iluminismo, em especial com Kant, a sociedade caminhava a passos largos para o esclarecimento, representa um pensamento que é questionado nos textos construídos por Adorno e outros expoentes da Teoria Crítica, pois segundo eles, a formação que se instalava, por meio da sociedade capitalista, não serviu para tornar a sociedade melhor, pelo contrário, levou o homem para um caminho de competição e barbárie, em que a formação humana passou a ser vista como meritocracia. Vale ressaltar que a metodologia do artigo é de cunho bibliográfico e documental o que possibilitou ir direto às obras e textos para analisarmos o que aqui apresentamos. A discussão resultou na compreensão de que a educação quando devidamente ofertada e trabalhada, é por excelência, o caminho e o instrumento capaz de retirar o homem da semiformação no qual ele se encontra, eliminando as possibilidades de outras barbáries contemporâneas.

1 INTRODUÇÃO

O processo educativo essencialmente não representa a autonomia do sujeito, pois pode não implicar esse ideal. “A educação não é necessariamente um fator de emancipação” (ADORNO, 2006 p. 11). Com o advento das Revoluções industriais, as sociedades começaram a experimentar uma nova maneira de organização, o ser humano começa a mudar sua forma de relacionamento com os outros e as expectativas vão além do imaginado. Com isso, no século XVIII, o Iluminismo apresenta uma nova forma do homem acompanhar esse desenvolvimento inexorável que a sociedade vivenciava, o indivíduo não podia ficar para trás, afinal precisava dá uma resposta aos avanços. Nasce o sonho de uma nova época, uma época de esclarecimento em que o homem podia alcançar a felicidade e fazer uma sociedade tranquila, na qual o

Palavras-chave: Formação, Semiformação, Esclarecimento, Educação.

ABSTRACT

This article discusses the interfaces between education and contemporary philosophy, with reference to the foundations of Critical Theory, presenting an approach on education from Theodor Adorno and his role in the process of enlightenment and emancipation of the subject. Although Adorno did not write a treatise on education, he brought great contributions to this theme in his works. In the philosophical discussions presented by the Enlightenment, especially with Kant, society was making great strides towards enlightenment, a thought that is questioned in the texts written by Adorno and other exponents of Critical Theory, because, according to them, the education that was being installed by means of the capitalist society did not serve to make society better; on the contrary, it led man to a path of competition and barbarism, in which human education came to be seen as a meritocracy. It is worth mentioning that the methodology of this article is bibliographic and documental in nature, which made it possible to go straight to the works and texts to analyze what we present here. The discussion resulted in the understanding that education, when properly offered and worked on, is par excellence, the path and the instrument capable of removing man from the semi-formation in which he finds himself, eliminating the possibilities of other contemporary barbarisms.

Keywords: Formation, Semiformation, Enlightenment, Education.

sujeito poderia entender suas contradições e evoluções. Trata do esclarecimento proposto por Kant. No entanto, essa realidade não se processou exatamente como pregaram os iluministas. A sociedade tornou-se mais esclarecida e teve mais informações, mas usou esses elementos para impor-se contra a individualidade de homem. Assim se produziram atos bárbaros e violentos, de modo que a sociedade feliz foi apenas um sonho utópico. Exemplo disso foram as duas grandes Guerras Mundiais. Nesse sentido, encontramos especialmente em Adorno elementos que questionam o papel da educação no processo de esclarecimento. A educação que foi corrompida de sua verdadeira função, que é levar o homem a “construção de consciências verdadeiras” (ADORNO, 2006, p.141). Nessa perspectiva, este estudo busca compreender as interfaces entre Filosofia e Educação a partir do pensamento de Adorno. A questão norteadora do estudo é responder se a educação transmitida hoje representa formação efetiva ou se ela se acomoda como processo de semiformação explicitado por Adorno. Para tanto, empregamos como ponto de partida referências às reflexões produzidas a partir de categorias como cultura, indústria cultural, esclarecimento, as quais estão diretamente ligadas ao processo formativo educacional dos indivíduos.

Dentre os vários trabalhos de Adorno destacamos um em especial *Educação e Emancipação* (2006), obra em que traz elementos reflexivos e coerentes sobre a educação, os quais serviram como norteadores dessa discussão. O texto nos apresenta uma reflexão a cerca da educação de sua época que consideramos pertinente para os dias de hoje, na medida em que expõe as contradições existentes na sociedade capitalista, que apresenta uma proposta de educação voltada para a formação da mão-de-obra e que desde cedo coloca os sujeitos num clima de competição, distanciando-os assim, de uma educação transformadora e reflexiva.

Os ideais do Iluminismo não se concretizaram e o que se verificou foi uma sociedade mais sobrepujada pela cultura, pelos meios de comunicação e pelos ideais da sociedade neoliberal. É nesse contexto que teóricos frankfurtianos como Adorno, oferece-nos uma nova forma de analisar as relações de dominação existentes, permitindo verificar porque as pessoas contribuem de maneira inconsciente nesse processo quando aceitam tudo como natural.

Para tanto, o caminho a ser traçado pela sociedade em busca de uma nova mentalidade passa necessariamente pela educação. Pela educação, o homem se torna consciente e capaz de mudar, organizar a sociedade, de tirar de uma vez por toda a ameaça de outras barbáries eminentes. O ser humano pelo “esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (MASS 2013. p. 35). Essa dominação da natureza era uma questão presente no dia a dia e nas ideologias dos autores da modernidade. Os avanços tecnológicos foram significativos, processos evolutivos se operavam a cada dia construindo novas ferramentas de produção e de mobilidades. Esses aspectos eram vistos como a marcar dessa nova sociedade, mas a controvérsia é que a razão cogitou a cerca de tudo, menos sobre ela mesma. E todas as ferramentas criadas por ela não passavam de meio de desapropriação do esclarecimento, ou seja, o indivíduo se tornou escravo de sua própria construção, a ponto

de não perceber que dessa forma o sujeito sofria um esvaziamento. A subjetividade era engolida pela chamada cultura, o pensamento coletivo.

Seria a educação se redirecionada, capaz de reverter esse esvaziamento? Adorno como muitos outros colaboradores da Teoria Crítica, acreditava que a educação era um caminho capaz de transformar a humanidade. Isso porque a humanidade caminhava para uma situação de barbárie, de tremenda irracionalidade, uma vez que a educação aplicada nos ambientes educacionais e, por conseguinte, aos sujeitos inseridos neles não era suficiente para levá-los a refletir sobre sua realidade, aceitando o que lhes impunham como sendo algo extremamente natural. Destaque-se que essa naturalidade era justamente uma forma de dominação da sociedade capitalista. Diante desse quadro a alternativa seria uma formação crítica, que permeasse o âmbito escolar e que fosse capaz de atingir outras esferas sociais,

Quando o sujeito não consegue se inserir num processo formativo crítico torna-se reflexo de um sistema de espoliação definido pela sociedade e mantido pela cultura como nos apresenta Adorno:

A formação que por fim conduziria a autonomia dos homens precisa levar em conta as condições em que se encontram subordinadas a produção e a reprodução da vida humana em sociedade e na relação com a natureza [...] As relações sociais não afetam somente as condições da produção econômica e material, mas também interagem no plano da “subjetividade”, onde originam relações de dominação (ADORNO, 2006. p. 19).

É preciso que ao analisar a sociedade tenhamos consciência de que o homem está inserido num contexto em que as relações se dão por meio da produção e dos bens adquiridos. As pessoas são reconhecidas pelo que têm e não pelo que são, e quanto mais produzem e acumulam, mais poder exercem sobre os demais. Essa relação é transmitida nas instituições de ensino como normal, transformando a formação em semiformação, isto é, num movimento contrário ao esclarecimento.

Na *Dialética do Esclarecimento* (1985), percebemos o quanto Adorno trabalha com essas questões, demonstrando como a subjetividade é constantemente ameaçada pela semiformação e a indústria cultural como força anônima que aliena e escraviza psicologicamente o sujeito. Parafraseando Adorno, o sonho da humanidade era de tornar o mundo mais humano, sonho que o próprio mundo sufocou e sufoca, mas pela educação podemos sair desse sufoco e sermos conduzidos inexoravelmente à autonomia.

É inegável que o caminho seguido pela educação moderna não visa de modo algum, a formação humana na sua integralidade (sem pretensão de discutir, mas apenas de exemplificar, destacamos o modelo do Novo Ensino Médio em implantação no Brasil), mais uma sociedade alicerçada na produção e no consumo. Verificamos isso em nossas escolas, quando o aluno que melhor se adéqua dentro da proposta neoliberal, ou seja, de reprodução, é visto como um protótipo universal. A formação no sistema econômico neoliberal é oriunda de uma necessidade político-econômica e não converge para ser mecanismo de esclarecimento. E a Indústria Cultural é responsável por propagar as necessidades sociais, através do consumo. Não faz isso de maneira isolada, pois os meios de comunicação funcionam como um instrumento auxiliar, como nos afirmar Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* a respeito da

dominação da indústria cultural na sociedade. “A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto. Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p 108).

A grande questão é que toda essa realidade acaba influenciando diretamente no campo educacional e a formação para a autonomia do sujeito torna-se secundária. A escola acaba não freando essas influências, pelo contrário, infunde ainda mais os valores culturais criados pelas classes dominantes. Assim, gera ainda mais desigualdade entre os sujeitos que a ela acessam, vendo-a por vezes como uma continuidade da família. Nesse sentido a educação não é pensada a partir da escola, mas de uma classe que domina; parafraseando Bourdieu (2001) para as crianças das classes mais pobres a escola representa uma interferência nas práticas e saberes que estes trazem de suas famílias e impõe o que muitos vão chama de “cultura nova”. Quando isso ocorre Bourdieu chama de violência simbólica, pois desconsiderar o que o aluno traz para sala de aula é negar a própria história desses sujeitos. E assim, os alunos das classes dominantes que já vivenciam o que se passam nas escolas, tem mais facilidade, pois, não precisam se desprender de seus costumes e forma de pensar. Bourdieu conclui:

O sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU, 2001, p.311).

O fato de a escola exercer a violência simbólica sobre os mais pobres faz com que outro tipo de violência, a física seja cerceada, ou seja, não aconteça. Isso porque, a imposição da escola faz com que os alunos se enquadrem numa doutrinação que inconscientemente reproduzam a violência sem perceber, não alterando a ordem social vigente, onde uns pensam e outros executam. Observa-se, a partir de Bourdieu, que o sistema educacional está uniformemente enquadrado nesse sistema de perpetuação de um grupo hegemônico sobre o outro, e através de ideologias vão inculcando essa visão como verdadeira e absoluta. Ao invés de proporcionar uma educação que despertasse o espírito crítico do sujeito, não passa de um sistema que nos leva a reprodução.

Desse modo, é notável que a indústria cultural interfere também na formação educacional dos discentes. Por isso é preciso que os docentes, com a carga teórica adquirida no decorrer de sua formação, possam criar mecanismos capazes de desenvolver o senso crítico dos discentes. Desenvolver o senso crítico é possibilitar profundas transformações na vida desses sujeitos, desde a família até o trabalho. É preciso que os docentes estejam atentos aos anseios e curiosidades dos alunos para não colocá-los numa situação de semiformação, como tem ocorrido com frequência.

A educação não é uma simples modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimento, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a construção de uma consciência verdadeira (ADORNO, 2006, p. 141).

A construção de uma consciência verdadeira é o que menos as escolas têm feito, pois a consciência verdadeira é parte das histórias e experiências que trazemos para dentro das salas de aulas e isso é tenazmente visto como errado, pois a “formação” está simplesmente voltada para a formação de mão-de-obra, formar pessoas que alimentem com seu trabalho a estrutura social exploratória. Resta ao indivíduo diante da realidade apresentada um movimento constante de adaptação a sociedade, sua estrutura e sua ideologia educacional. No entanto, a escola não deve fechar os olhos e permitir a perda da individualidade do sujeito, deixando-o imerso num sistema uniformizador.

De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação [...] a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo (ADORNO, 2006, p.143).

É a partir do processo dialético existente na escola que deve se trabalhar duro para superar essa ambiguidade e sair desse modelo de semiformação, com abertura de um processo educativo que promova conscientização, orientação na/da sociedade e a construção da subjetividade do sujeito. E por que isso é fundamental? Mesmo a educação sendo importante para o processo de esclarecimento e conscientização do sujeito, ela sofre muitas influências do sistema neoliberal, sobretudo, quando a formação volta-se completamente para a formação de mão-de-obra. Nesse processo o indivíduo acaba perdendo sua subjetividade, e de forma “natural” se encaixa nessa estrutura social. Assim, cabe às instituições educacionais e aos docentes trabalharem para superar essa dicotomia existente no ambiente educacional, de modo que a educação seja direcionada para “a produção de consciência verdadeira” (ADORNO, 2006, p. 141).

É preciso ainda ressaltar que o esclarecimento (Kant, 1996) é um processo que culmina numa autonomia do sujeito frente as suas responsabilidades e compromissos, é uma ascensão à maioridade. Nesse processo de esclarecimento (maioridade), o sujeito não é mais escravo da ignorância, é livre e pensar por si mesmo, melhor ainda, constrói sua forma de pensar, não depende mais de sistemas educacionais opressores.

Nesse viés traçamos uma aproximação entre o pensamento de Paulo Freire e Adorno, destacando o quanto a práxis educativa é essencial no processo formativo. Paulo Freire (1987) criticou esse posicionamento inerte da escola, quando ela não consegue levar o indivíduo a fazer uma leitura de mundo, elemento essencial para a formação humana, para a formação crítica. Nesse sentido, há uma alienação do sujeito em relação às necessidades subjetivas e sociais que são dependentes da escola e este precisa se submeter às suas exigências não se reconhecendo como ser que tem autonomia para apresentar seus objetivos ou reconhecer sua realidade.

A escola em seu processo histórico sempre exerceu um papel importante na formação humana, pois possibilitou e continua possibilitando momentos de interações que dá aos alunos a possibilidade de conhecerem outras ideias, por isso, na visão de muitos autores, o conhecimento que cada um traz dentro de

si torna-se fundamental para a construção de novos saberes, e essa interação é essencial para que haja educação como fruto de um amadurecimento interno através das experiências que realizamos seja na escola ou fora dela.

Para Adorno (2006) é necessário que a práxis educativa dos educadores e educadoras supere o espírito de competitividade individualista e egoísta da sociedade capitalista. A fim de que possa se converter em instrumento de ação política e social livre. Essa deve ser a função da escola e nosso interesse nessa discussão se dá por justamente por observamos ações contrárias a essas no dia a dia.

Tendo como base uma formação que dê a possibilidade do indivíduo desenvolver suas potencialidades através da efetivação de suas práticas sociais, teríamos a certeza de que a barbárie torna-se cada vez mais distante. Mas para isso é preciso que se crie uma cultura de consciências verdadeiras e a escola atue desde a formação básica para gerar esses ideários na formação dos indivíduos.

Para Freire (1980, p.20) “a educação deve preparar, ao mesmo tempo, para o juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar a possibilidade de escolher o próprio caminho”. Essa, também, é a proposta de Adorno para a formação humana, que a educação tenha a força necessária para formar seres críticos e conscientes de sua função no meio em que estão inseridos, desvinculada de propostas em que as pessoas são tragadas por ideários que se distanciam da formação humana e valorizam unicamente a formação para o trabalho. O homem tornou-se um capital e o estado neoliberal olha para ele e ver a possibilidade de gerar mais capital, caso contrário seria um fardo. Quando isso ocorre a barbárie se perpetua de maneira inconsciente e a educação fica cada vez mais mecânica e vazia, pois não se liga à realidade dos indivíduos. Dessa forma, a educação não consegue preparar o sujeito para o futuro nem tão pouco para evitar a barbárie, pelo contrário, o deixa cada vez mais passivo ao cumprimento de determinações.

É no chão da escola que conseguimos entender as potencialidades existentes nos sujeitos que ali estão, com seus anseios, e frustrações. Com isso, nos questionamos como melhorar o desempenho em sala de aula? Como trabalhar a formação do aluno sem desconsiderar sua realidade? Esses questionamentos são frequentes e nos mostram que não há uma receita pronta para ensinar, nem tão pouco aprendemos isso da noite para o dia. Por isso, é preciso considerar vários aspectos entre eles a relação professor aluno e sociedade para começarmos a entender como esse processo vai se construindo. A prática docente em muitos casos é usada para confirmar um modelo estrutura capitalista que sem pensar no contexto humano jogar o indivíduo no campo da exploração.

Freire (2008) estava inserido em um contexto em que a sociedade urgia por mudanças políticas, sociais e educacionais. Para o autor, cada indivíduo tem uma visão de mundo que deve ser respeitada e aproveitada, porém esta mesma visão é limitada muitas vezes no contexto cultural, estagnando assim um pensamento que poderia ser crítico em relação ao mundo. Daí a importância da educação libertadora que desperta o homem para sua realidade cultural, política e, por que não dizer, educacional. Para se alcançar essa pedagogia libertadora é necessário, que o ser humano reconheça sua opressão, reconhecendo a opressão, desperta em si a consciência de mudanças.

Esse processo, de reconhecimento passa pela alfabetização, pela tomada de consciência, do sujeito como fez Freire (1981) em *Angicos com os trabalhadores rurais*, mostrando que os professores podem despertar o aluno para a conscientização de sua própria realidade aprofundando assim, sua leitura de mundo. Essa leitura de mundo permite uma dialogicidade, que promove abertura para entender a leitura de mundo de outrem. Esse entrelaçamento de leituras de mundo gera novos conhecimentos, desvela o que está oculto: a alienação.

Esta é uma nova postura de ensino que Freire (1981) enfatizou na escola. A educação bancária não era suficiente para libertar o indivíduo das amarras sociais, pelo contrário, era um instrumento de alienação, no qual o sujeito não tinha condições de se reconhecer como oprimido. Tudo que era transmitido era aceito sem reflexão, aliás, reflexão era uma possibilidade que a educação bancária não gerava. Contudo, os ideais freireano nos mostram que a Pedagogia do Oprimido é uma pedagogia do homem, que permeia a visão humanitária e se aconchega no humanismo, levando em consideração que não basta somente reconhecer o homem como um ser que deve ser respeitado, mas enxergar que este pode ir além de simplesmente se reconhecido pode transformar sua realidade e o mundo. Essa visão freireana vai de encontro com a visão de Adorno a cerca da formação, sobretudo, porque a formação, pensada pelos autores em questão, dá ao sujeito uma consciência de entender a realidade e tudo que é essencial para a construção do sujeito.

Dessa forma, vamos evitar uma educação que vise à individualidade e a competição, esclarecendo aos alunos que o espírito de competidores retira a humanização e percepção otimista daqueles que ainda veem na educação uma saída de uma exploração neoliberal. Continuar atrelado a essa visão, em que somos explorados e temos a sensação de que estamos somente cumprindo com nosso papel, é ver a educação de caráter semiformativo.

Segundo Adorno (2006) para que a educação seja vista como instrumento de esclarecimento é preciso, primeiramente, entendermos o processo educativo como um conjunto de fatores que leva o sujeito a encontrar sua subjetividade dentro do coletivo sem sacrifícios físicos e estruturais. Reiteramos aqui, que o objetivo de Adorno e o nosso, não é negar o contexto histórico-social no qual o sujeito está imerso, mas mostrar que é nesse contexto que a sociedade está chegando ao ápice de um esvaziamento crítico da razão “se tornando cada vez mais formalizada e institucionalizada para fins específicos” (ADORNO E HORKHEIMER, 2013, p.27), ou seja, organizada como aparelho de sustentação de um sistema de dominação conhecido por nós como capitalismo.

A realidade vivenciada, hoje, é um convite à situação de barbárie, pois a reflexão tornou-se secundária, ou até mesmo, desnecessária. Exemplo claro dessa realidade são as políticas educacionais mal estabelecidas e a maneira como muitas as instituições trabalham na formação dos indivíduos. A prática docente deve direcionar o indivíduo noutra direção, na direção de uma formação que salvasse a integralidade do sujeito e sua forma de pensar e ver o mundo e transformá-lo com suas ações, produzindo condições para sua existência e de seus pares.

Por fim, essa reflexão aponta para elementos que relacionam logicamente a Filosofia a partir de Adorno com os processos formativos presentes na educação em nosso tempo. Assim, refletimos sobre a categoria semiformação, que ao invés de tornar o homem autônomo o colocou numa situação de dependência, mesmo sendo considerado moderno. Uma dependência que tira a subjetividade e o coloca numa posição de massa, não pensa por si mesmo. Que as representações coletivas expressam seus sentimentos na mais pura essência.

Em muitos casos a educação é utilizada para subsidiar aqueles que estão no poder. Quando isso acontece surgem com mais força as competições dentro das escolas, fazendo com que as crianças vejam as outras como competidoras. Esses ideais vão contra a formação humana que é o projeto pensado pelos autores discutidos no trabalho. É importante ressaltar, também, que tornamos a cultura mercadoria, e isso ajudou na ratificação da razão técnica em detrimento da razão cognitiva. Não sabemos se determinada produção traz ou não elementos positivos para a construção da formação humana, só estamos interessados em não ficar “fora da moda”, e segundo Adorno essa postura nos leva cada vez mais para a semiformação. Desbarbarizar se tornou uma grande tarefa da educação desse início do século XXI.

Dessa forma, precisamos através da educação, num processo de formação plena do docente sair do caminho da barbárie e romper com mediocridade, abandonando a menoridade que é auto-culpável, uma vez que não depende somente de conhecimento, mas de atitude, de coragem e de confiança.

REFERÊNCIAS

- ADORNO; T. W. *Educação e Emancipação*. 4 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ADORNO; T. W. *Teoria da semicultura*. *Educação e Sociedade*, ano 17, n. 56, p. 24-56, set./dez. 1996.
- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BOURDIEU, P. *A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura*. In: BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. 9ª Ed. – Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRANDÃO; C. R. *O Que é Educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- Educação e Sociedade: Revista de Ciência da educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade – Vol. 1, n. 1, São Paulo: Cortez; CEDES, 2003.*
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários para a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE; P. *Pedagogia do oprimido*. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- HORKHEIMER; M. *Eclipse da Razão*. 7 Ed. São Paulo: Centauro Editora, 2013.
- KANT; I. *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* In: *textos seletos*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1996.
- KANT; I. *Crítica da Faculdade do Juízo*, trad. Valério Rohden e Antônio Marques, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- MASS; O. P. *Racionalidade dialética entre mito e esclarecimento uma leitura da Dialética do Esclarecimento de T. W. Adorno e M. Horkheimer*. 1 ed. Passo Fundo: IFEBE, 2013.